

# A REGENERAÇÃO

Fundadores: Drs. José Martinho Simões, Manuel Simões Barreiros e Prof. João António Semedo

AVENÇA

Propriedade de: **dr. Alberto Teixeira Forte**  
Composto e impresso na *Tipografia Figueiroense*

Director: **Dr. Domingos Duarte**  
Editor: **Dr. Alberto Teixeira Forte**

Redacção e Administração — Rua Major Neutel de Abreu  
Figueiró dos Vinhos

## O Problema da Luz Eléctrica em Figueiró dos Vinhos

## Sobre o problema da Luz Eléctrica

Como os nossos queridos leitores podem constatar, a Empresa Hidro-Eléctrica de Figueiró dos Vinhos, L.da, veio, afinal, por intermédio do sr. Tenente Carlos Rodrigues, seu sócio gerente, responder ao apelo que lhe fiz no sentido de se pronunciar sobre o problema que nestas mesmas colunas venho ventilando desde o número 849 deste Jornal.

Na verdade, nesta mesma página se insere uma carta subscrita pelo sr. Tenente Carlos Rodrigues dirigida ao nosso Director, com o pedido de publicação sem encargos para a Empresa referida, e na qual se aborda aquele mesmo problema.

Procurei convencer aquela, nos dois últimos números deste periódico, de que, para esclarecimento da opinião pública e a bem da sua posição, pelo menos moral, impunha-se que ela viesse ilucidar o espírito da sua afável clientela, da qual surgiam frequentemente rumores de grande descontentamento com o serviço de fornecimento da energia eléctrica.

Vem agora a empresa — tarde é certo, — mas ainda a tempo —, responder ao apelo que lhe fiz.

Os meus agradecimentos, pois, à Hidro-Eléctrica de Figueiró dos Vinhos, L.da.

### Carece de uma solução que ponha os Figueiroenses em pé de igualdade

Lamentável é apenas que o seu sócio gerente, na carta que ao lado se publica, não consiga o fim que certamente se propôs — o de esclarecer afirmações que, embora com reserva, eu havia feito, rectificando algumas e provando com dados positivos a falta de veracidade de outras.

Nada disto fez o sr. Tenente, o que muito sinceramente lamentamos, ao mesmo tempo que também com sinceridade afirmamos e garantimos que se acaso tivesse esclarecido o problema de molde a demonstrar que não tínhamos razão, seria eu o primeiro a dar o braço a torcer, pedir-lhe desculpa e a noticiar que afinal a razão estava do lado da empresa e não dos figueiroenses, como estes supunham.

Nada disto fez o sr. Tenente. Limitou-se, de início, a historiar apenas, a seu modo é claro, o facto da criação da empresa, de que é gerente, apontando a circunstância aliás já por mim re-

### com os habitantes dos concelhos limítrofes

ferida, de que Figueiró dos Vinhos foi uma das primeiras Vilas — da região, disse eu —, do distrito ou do País, — diz ele — a ser electrificada.

Neste aspecto o sr. Tenente nada esclareceu; repetiu somente, pode dizer-se, o que eu já afirmara.

Enfim: história, e a história não interessa para o problema de que nos temos ocupado.

Refere-se seguidamente ao motor a óleos pesados, que a empresa adquiriu e pôs a funcionar na Lapa da Moura, para substituir a hulha branca, quando esta faltasse no estio, e afirma que o custo da energia produzida por tal motor era superior ao preço da venda.

Afirma, repetimos, mas ainda que assim fosse, que culpa tiveram ou têm disso, sr. Tenente, os figueiroenses!

A Empresa Hidro-Eléctrica, de Figueiró dos Vinhos, L.da não se obrigou, pelo contracto que celebrou com a Câmara Municipal, a fornecer energia à vila?

Parece que sim. E então como pretendia ela fornecer a energia nas épocas de estiagem, em que a água faltava?

Evidentemente que não podia deixar de cumprir a obrigação a que se ligou. A água faltava; impunha-se-lhe resolver o problema que tal falta originava da forma que mais lhe agradasse, para cumprimento daquela obrigação — de fornecer energia à vila.

Portanto, sr. Tenente, o motor foi comprado e colocado a funcionar, somente para dar cumprimento a uma obrigação que dimanava do contracto celebrado entre a empresa e a Câmara Municipal.

Com a instalação e funcionamento desse motor não prestou a empresa qualquer favor a Figueiró, procedeu no cumprimento de um dever apenas.

E a afirmação feita pelo sr.

### recebemos do gerente da Empresa Hidro-Eléctrica de Figueiró dos Vinhos, L.da, a carta que a seguir publicamos e na qual, fundamentalmente, se nos promete o REGIME DE ESCALÕES

Publicamo-la muito gostosamente e, conforme solicitação da Empresa, SEM ENCARGOS, para que não se desequilibre a sua situação financeira

Ex.mo Senhor Director de «A REGENERAÇÃO»

Publicou o jornal de que V. Ex.ª é mui digno Director, em 1 do corrente, um artigo da autoria do editor desse periódico sobre «O Problema da luz eléctrica em Figueiró dos Vinhos... em que se fazem algumas afirmações menos verdadeiras que de novo se repetem em artigo do mesmo autor publicado no numero seguinte do mesmo jornal.

À falsidade de algumas daquelas afirmações é tão evidente que quasi não necessitava de resposta mas, embora o autor dos artigos não assumia a responsabilidade delas, fundamentando-se num irresponsável diz-se, venho solicitar a V.

Ex.ª a publicação desta resposta, sem encargos.

Procura se, nesses artigos, apresentar a Empresa Hidro Eléctrica de Figueiró dos Vinhos como uma entidade a quem nada interessa o progresso desta encantadora terra de Figueiró, a quem tem mesmo prejudicado com o ambicioso fim de obter exorbitantes lucros.

Ora a verdade é bem diferente. Quando em 1929 se constituiu esta empresa, grandes foram as dificuldades para conseguir encontrar quem quisesse compartilhar com o autor destas linhas os grandes riscos que então representava a construção da hidro-electrica da Lapa da Moura.

Figueiró dos Vinhos não tinha luz electrica, como ainda a não possui em a maior parte das cidades e vilas do nosso país. A construção das grandiosas barragens que hoje, graças à sabia politica do Estado Novo, vemos e guerm-se dia a dia, não passava de um sonho considerado quasi irrealizavel.

Entusiasmado com a perspectiva de proporcionar à minha terra um melhoramento que poucas cidades e vilas do país possuíam, investi nessa empresa todo o capital reunido em longos anos de trabalho e economia.

O capital de que dispunha era, porem, insufficiente, pelo que bati a numerosas portas de Figueiró procurando arranjar alguém que quisesse asso-

### De visita à Sra. D. Isabel Carvalho Barreiros

Estiveram nesta vila recentemente de visita à sr.ª D. Isabel Carvalho Barreiros, sua irmã, sr.ª D. Aida Augusta Carvalho Schmidt e esposo, sr. Ernesto Schmidt e bem assim os srs. dr. João Baptista Borges, illustre advogado em Mirandela, sua ex.ª esposa e filhas, e Armando Sérgio Carvalho da Encarnação, distinto Chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Agueda, todos estes sobrinhos da sr.ª D. Isabel Barreiros.

### Francisco Pires

Em viagem de recreio e acompanhado por sua Ex.ª esposa, filha e genro e bem assim por seu cunhado, esteve nesta vila, no passado dia 25 do mês findo o nosso mui querido amigo e distinto colaborador, sr. Francisco Pires, Tesoureiro da Fazenda Pública na cidade do Porto.

Continua na 4.ª página

## Padre António Inglês

Decorreu [mais um ano, que se completou no dia 23 do mês findo, após a data dolorosa do falecimento do nosso saudoso amigo Rev.º Padre António de Almeida Inglês

Não podíamos deixar de referir aqui essa data que nos faz recordar as virtudes de que era portador esse nosso querido amigo, que durante algum tempo dirigiu os destinos deste jornal.



Com a suadade que a estima, a amizade e a admiração por ele em nosso espírito alimentam, prestamos humilde mas muito sincera e vivida homenagem à sua memória.

Continua na 2.ª página



# A carta da Empresa Em gozo de Férias

## Hidro-Eléctrica

Continuação da 1.ª Página

ciar-se aos riscos que eu ia correr numa empresa que todos consideravam temerária. Apenas uma porta se abriu — a do saudoso e ilustre figueiroense Joaquim de Araújo Lacerda Junior a cuja memoria rendo o preito da minha homenagem e gratidão.

Figueiró dos Vinhos foi assim uma das primeiras vilas, não só do distrito como do país a possuir esse melhoramento.

Aqueles factores que quasi todos os figueiroenses conhecem, talvez sejam desconhecidos do Sr. Dr. Teixeira Forte que, segundo julgo, não tinha nesse tempo ainda interesses em Figueiró.

Em 1937, sem que a isso fosse obrigada pelo contracto celebrado com a Câmara Municipal, a empresa adquiriu um motor a óleos pesados para que a luz não faltasse em épocas de longa estiagem, embora soubesse que o custo da energia eléctrica produzida por esse motor era superior ao preço da venda.

Ao fim de alguns anos, a crescente expansão desta laboriosa vila tornou insuficiente a energia produzida pela central da Lapa da Moura. Atravessava-se então um período anormal de guerra o que tornava impossível ampliar as instalações existentes por impossibilidade de aquisição dos maquinismos necessários. Foi um período angustioso para esta como para tantas outras empresas, mas a população de Figueiró, sempre bem intencionada e compreensiva, soube esperar que as condições se normalissem e, em 1949 inaugurou-se uma nova cabine de transformação que permitia ligar a rede desta empresa à Companhia Eléctrica das Beiras. A despesa que essa cabine, linha de alta tensão e alterações da rede de distribuição acarretaram á empresa ascenderam a meio milhar de contos, mas Figueiró pôde assim ver realizado o seu sonho de ter energia eléctrica permanentemente embora o contracto com a Câmara Municipal apenas exigisse esse fornecimento durante a noite.

Os encargos da empresa com o pessoal foram por esse motivo bastante aumentados.

Verifica-se, deste modo, que

### Novos assinantes

Por indicação do sr. Padre Anibal Henriques Coelho, distinto Pároco da Graça inscreveram-se como nossos assinantes os sr.s

Manuel Luis Coelho e José Nunes Assunção, ambos daquela freguesia.

a empresa Hidro Eléctrica, longe de impedir o progresso de Figueiró dos Vinhos, tem sido um factor no seu desenvolvimento, procurando sempre, dentro das suas possibilidades corresponder aos legítimos desejos que todos os filhos de Figueiró têm de ver a sua terra cada vez mais valorizada.

Quanto aos escalões que constituem um justo anseio de todos os figueiroenses, vem esta empresa procurando dar-lhe uma solução que não depende apenas dela. Todavia tem fundadas esperanças de muito em breve ver resolvido este problema.

Não deite porém, foguetes o Sr. Dr. Teixeira Forte, porque não foi em consequencia dos seus artigos que Figueiró vai ter os escalões.

Ha longos meses que a empresa procura dar solução a este problema que não é tão facil de resolver como á primeira vista parece.

Vejamos agora o aspecto mais grave das acusações feitas á empresa, em que o Sr. Dr. Teixeira Forte cuidadosamente resalva a sua responsabilidade atraz de um cauteloso «consta», insinuando logo a seguir, em letras bem gordas, a falsa afirmação dos tais 400% de lucro. Que uma pessoa irresponsavel faça tal afirmação, não admira, mas que o Sr. Dr. a reproduza é que não está certo.

Ainda que a energia fosse comprada a \$50 o Kwh., o que não é verdade, pois é muito mais cara, ha a considerar muitos outros encargos — pessola, reparações, impostos, desvalorização e, a justa compensação do capital dispendido em maquinismos e instalações.

Ignorar estes encargos para afirmar que o lucro é de 400% é já falsear a verdade, mas o que é mais grave é dizer-se que a energia eléctrica é sempre vendida a 2\$50, o que impede o normal desenvolvimento de certas actividades quando o Sr. Dr. Forte sabe que a utiliza na sua tipografia a preço de 1\$00 por Kwh., preço maximo pelo qual é sempre vendida quando utilizada para força motriz, industrial ou agrícola.

O Snr. Dr. Forte achou, porém, preferivel não mencionar esse insignificante pormenor que lhe fa estragar a tal percentagem dos 400%.

Não sei se o Sr. Dr. Forte está suficientemente convencido mas se ainda acredita que esta empresa auferê lucros fabulosos, pode fazer um magnífico negócio: receber os meus

Estiveram nesta vila pela Páscoa e de visita, a suas famílias, os senhores:

Engenheiro Armando Caetano Nunes, residente em Lisboa, sua esposa e filho; Dr. Américo Caetano Nunes, distinto advogado na Capital, sua esposa e filhinas; Dr. José Augusto Ferrer Antunes, ilustre professor do Liceu D. João III, de Coimbra, sua esposa e filho; Dr. Fernando Lacerda, distinto médico-oftalmologista em Lisboa; Dr. Jorge Godinho Ferreira, nosso querido amigo; José Simões de Sousa e Silva, 1.º sargento do exército em Sacavém, com sua esposa e filha; Eduardo Augusto Mendes, importante armazenista de lanifícios em Coimbra e nosso querido amigo, sua esposa e filhos; José Pedro Machado, e sua esposa, pais do nosso prezado assinante, sr. José Guerreiro Machado, competente Chefe de Conservação da J. A. E.; Fernando Nunes Agria, conceituado comerciante no Porto, acompanhado de sua esposa; Engenheiro Nuno Gomes de Lacerda Teixeira, filho do nosso querido amigo, sr. Tenente João Gomes da Silva Teixeira; Dr. Manuel Alves da Piedade, distinto médico em Lisboa, e seu irmão, sr. Antero Alves Pereira, residente no Cartaxo, de passagem para Aldeia Fundeira — Vilas de Pedro;

### D. Estela dos Santos Abreu

No dia 22 do passado mês de Abril esteve em Moninhos Fundeiros, com o propósito de conhecer a terra de seus pais, a sr.ª D. Estela dos Santos Abreu, brasileira, estudante de Direito, filha extremosa do nosso prezado assinante em Santos — Brasil, sr. José Simões de Abreu.

A sr.ª D. Estela, depois de uma viagem de recreio pelos países da Europa em companhia de vários colegas, porque a ocasião se oferecia, não quis deixar de conhecer a terra natal de seus pais.

A Regeneração apresenta-lhe os seus cumprimentos de boas-vindas e deseja-lhe um feliz regresso ao Brasil.

### D. Rosa Mendes

Depois de uma doença de certo modo prolongada já se encontra em convalescença a sr.ª D. Rosa Mendes, desta viúva, esposa do sr. Benjamim Augusto Mendes.

Desejamos-lhe um completo e rápido restabelecimento.

### Alberto António Cardo

Passou entre nós uma parte das suas férias da Páscoa, o brio académico do 7.º ano do liceu e nosso prezado amigo Alberto António Cardo, da freguesia de Chão de Couce, e sobrinho do nosso querido Editor.

lucros em qualquer dos anos findos á sua escolha dando-me em troca 10% do capital que nela tenho investido. Aproveite, Sr. Doutor. Fica com a parte do leão ou seja, pelas suas contas, com 390%. Vale a pena.

Aceite, Senhor Director, os meus cumprimentos.

Figueiró dos Vinhos, 27 de Abril de 1954.

O Gerente da Empresa Hidro Eléctrica de Figueiró dos Vinhos, L.da

Carlos Rodrigues

## Anúncio

### Tribunal da Comarca de Figueiró dos Vinhos

Arrematação de prédios à praça pelo valor de 1,095\$60  
2.ª publicação 6.º

No dia 15 de Maio próximo, pelas 11 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, e nos autos de Execução Sumária que o exequente José Tomás dos Anjos, casado, proprietário, residente no lugar da Picha, freguesia de Pedrógão Grande, desta comarca, move contra os executados Ramiro Antunes e mulher Maria do Carmo Antunes, residentes no lugar das Regas Fundeiras, da referida freguesia de Pedrógão Grande, vão á praça para serem arrematados pelo maior lance oferecido além dos valores indicados, os prédios a seguir designados, que aos ditos executados foram penhorados nos referidos autos.

#### Prédios a arrematar

1.º

Uma sorte de mato e pinheiros, no sítio denominado Sariho, freguesia de Pedrógão Grande, que parte do nascente, poente, norte e sul com José Maria Alves, inscrita na matriz sob os artigos 5 246 e 5 247. Vai á praça pelo valor de 468\$30.

2.º

Uma terra de sementeira com oliveiras, na Vinha, dita freguesia, que parte do nascente e norte com António Correia, poente com a estrada e sul com José Maria Alves, inscrita na matriz sob o artigo 5.303. Vai á praça pelo valor de 39\$60.

3.º

Uma terra com oliveiras, no mesmo sítio e freguesia, que parte do nascente com a Ribeira, poente com o Rego da água, norte com José Maria Alves e sul com Adelina Maria, inscrita na matriz urbana sob o artigo 474. Vai á praça pelo valor de 3.247\$20.

4.º

Uma terra de sementeira de rega com oliveiras, no sítio do Açude, freguesia dita, que parte do nascente com Francisco Antunes Pinto, poente com a Ribeira, norte com Alfredo Jacinto e sul com José Maria Alves, inscrita na matriz sob o artigo 4 286. Vai á praça pelo valor de 1.080\$00.

5.º

Uma terra de sementeira de seca com oliveiras, no mesmo sítio e freguesia, que parte do nascente com Preciosa da Silva e Joaquim Henriques de Carvalho, poente com Alfredo Jacinto, norte com a Ribeira e sul com o caminho, inscrita na matriz sob o artigo 5.291. Vai

Uma casa de habitação com seus logradouros, nas Regadas, freguesia dita, que parte do nascente com José Maria Alves, poente com Francisco Antunes Pinto, norte com José Maria Alves e sul com a Rua, inscrita na matriz sob o artigo 668 urbano. Vai á praça pelo valor de 648\$00.

7.º

Terra com oliveiras sita à Horta Velha, limite das Regadas, dita freguesia, que parte do nascente, poente, norte e sul com José Maria Alves, inscrita na matriz sob o artigo 3 345. Vai á praça pelo valor de 765\$60.

8.º

Terra com mato sita à Cavadinha, dito limite e freguesia que parte do nascente, sul e poente com José Maria Alves e norte com Albertino de Jesus, inscrita na matriz sob o artigo 3 307. Vai á praça no valor de 105\$60.

9.º

Terra de sementeira com oliveiras e mato, sita à Horta da Luísa, dito limite e freguesia, que parte do nascente, sul e poente com José Maria Alves e norte com António Ferreira, inscrita na matriz sob o artigo 5 307. Vai á praça pelo valor de 607\$20.

Figueiró dos Vinhos, 10 de Abril de 1954.

O Chefe da Secção interino,  
José Brito Telhada

Verifiquei:  
O Juiz de Direito  
José Henriques Simões

Jornal «A Regeneração» n.º 850 de 15 de Abril de 1954

### Antero Alves Pereira e Etelvino Fernandes de Jesus

Deram-nos o prazer da sua visita nesta Redacção os sr.s Antero Alves Pereira e Etelvino Fernandes, nossos prezados assinantes na vila do Cartaxo, que se deslocaram a Aldeia Fundeira — Vilas de Pedro, de visita a suas famílias.

## DO AVELAR

Dr. Rui Paiva

O sr. Dr. Rui Paiva, médico em Monte Redondo e proprietário no lugar da Rascoia, desta freguesia, ofereceu por mera tolerância aos seus conterrâneos um marco fontenário.

Ha grande satisfação nos habitantes daquele lugar por tal facto, pois que a fonte de onde se abasteciam não era acessivel nem oferecia as condições necessárias.

Felicitamo-lo pelo seu belo gesto.

C.



## Notícias da Graça

### Visitas

De visita ao Pároco da Graça estiveram nesta localidade há dias, o Ex.<sup>mo</sup> sr. Dr. Manuel dos Santos Serra Júnior, sua Ex.<sup>ma</sup> Esposa D. Maria Helena David d'Abreu Serra, a sr.<sup>a</sup> D. Alexandrina de Paiva David e o sr. Almerindo de Paiva David, da Vila de Figueiró dos Vinhos, a quem foi servido um modesto lanche no presbitério. Ao sr. Dr. Manuel Serra, que é médico muito conceituado em Albufeira (Algarve), muito agradecemos a sua agradável visita à Graça e fazemos votos para que a repita no próximo ano.

### Casamentos

No dia 21 do p. p. mês realizou-se o casamento da menina Almerinda da Graça, filha do sr. António Leitão e da sr.<sup>a</sup> D. Maria Rosa da Graça, de Atalaia Fundeira, com o sr. Almerindo Baptista Maria, filho do sr. Manuel Baptista e da sr.<sup>a</sup> D. Florinda Maria, do Casal dos Ferreiros, desta freguesia. Felicitamos os noivos e desejamos-lhe um futuro risonho. Oficiou ao acto o Pároco da Graça que fez uma prática alusiva ao matrimónio e foram padrinhos os sr.s Manuel Rodrigues, dos Covais, e José Coelho Graça, do Casal dos Ferreiros.

—No dia 24 p. p. mês celebrou-se o casamento do sr. Manuel Coelho Graça, do Vale do Neto, com a menina Maria da Glória David, filha da sr.<sup>a</sup> Maria do Nascimento, viúva, dos Covais. Foram padrinhos os sr.s Manuel Rodrigues e Albano Coelho David, residentes no mesmo lugar dos Covais.

C.

## Anúncio

TRIBUNAL DA COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

### Éditos de 20 dias

#### 1.<sup>a</sup> publicação

Faz-se saber que pelo Tribunal da comarca de Figueiró dos Vinhos e respectiva secção de processos, correm éditos de 20 dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando quaisquer credores incertos, para, no prazo de 10 dias, findos os dos éditos, virem aos autos de Execução Hipotecária em que é exequente Maria da Graça, viúva, e outros, residente em Atalaia Fundeira, freguesia da Graça, desta comarca, e Executados Lusitano Dias Ladeira e mulher Ilda dos Santos Baião, ele residente na Rua Piralini, n.º 368, de São Cristóvão — Rio de Janeiro — Brasil, e ela na Rua de Santa Tereza, n.º 7.2.º andar, da cidade e comarca de Coimbra, deduzir os seus direitos como determina o art.º 865.º do Código do Processo Civil.

Figueiró dos Vinhos, 26 de Abril de 1954.

O Chefe de Secção, int.  
José Brito Telhada

Verifiquei:

O Juiz de Direito  
José Henriques Simões

Jornal «A Regeneração» n.º 851 de 1 de Maio de 1954

## Anúncio

TRIBUNAL DA COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

### Arrematação de Prédios

#### 1.<sup>a</sup> publicação

Faz-se saber que no dia 5 de Junho próximo, pelas 11 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, se há-de proceder à arrematação, por meio de hasta pública, em primeira praça, dos imóveis a seguir indicados e que serão entregues por qualquer valor superior aos também indicados e cuja venda foi ordenada nos autos de acção de divisão de coisa comum em que são autores Paulino José Pelicas e mulher, empregado bancário, e réus Américo e João Alves Filipe e mulheres, também empregados bancários, todos residentes na cidade de Lisboa:

#### Prédios a Arrematar

##### 1.º

Casa de habitação com quintal e seus logradouros, situada no lugar da Gestosa Fundeira, freguesia de Castanheira de Pera, a confinar, todo o prédio, do nascente com herdeiros de Manuel Domingues e outros, do poente com a rua pública, do norte com o ribeiro, inscrita na matriz respectiva sob o artigo 1.028 e descrita na Conservatória do Registo Predial sob o n.º 26 752, do Livro B. 78 e vai à praça pelo valor de 3.000\$00

##### 2.º

Terra de sementeira de rega com pinheiros e mato, sita no Vale Grande, limite do lugar da Gestosa Fundeira, freguesia de Castanheira de Pera, a confinar do nascente com herdeiros de João Domingues, poente com herdeiros de Manuel Alves, norte com o caminho público e sul com a estrada pública. Inscrita na matriz sob o artigo 17 038 e descrita na Conservatória do Registo Predial sob o n.º 27 582 do Livro B. 70 e vai à praça pela importância de dois escudos 2 000\$00

## José da Silva Telhada

### Agradecimento

Sua família, na impossibilidade de fazê-lo directamente a todas as pessoas e recendo cometer qualquer falta involuntária, vem por este meio testemunhar a sua gratidão a todos os que, durante a longa doença do seu ente querido, directa ou indirectamente, se interessaram pelo seu estado e, depois, o acompanharam à sua última morada, bem assim como a todos aqueles que de qualquer modo lhes têm manifestado o seu pesar.

Não desejando ferir outras pessoas, particulariza o seu profundo agradecimento aos habitantes de Aldeia de Ana de Aviz, não só pelos cuidados durante a sua doença, mas também pela grande manifestação de pesar, comparando em elevado número ao funeral.

### No Basar Económico de M. G. Dionísio

Instalado no mesmo edificio da Farmácia Correia, encontrará V. Ex.<sup>a</sup> todos os artigos de papelaria, uma grande colecção de brinquedos e vários outros artigos.

Encontra-se também grande variedade de livros para venda e aluguer.

pública. Inscrita na matriz sob o artigo 17 038 e descrita na Conservatória do Registo Predial sob o n.º 27 582 do Livro B. 70 e vai à praça pela importância de dois escudos

Figueiró dos Vinhos, 27 de Abril de 1954.

O Chefe da Secção

José Brito Telhada

Verifiquei:

O Juiz de Direito

José Henriques Simões

Jornal «A Regeneração» n.º 851 de 1 de Maio de 1954

\*\*\*\*\*

Pinte a sua casa e terá a certeza que lhe aumenta a vida! Mas quando o fizer, consulte

**MANUEL G. AMORIM-PINTOR**

o único que satisfaz o mais exigente, quer em gosto, perfeição, óptimos acabamentos e bons materiais, o único no género que dá garantias dos seus trabalhos, quer sejam nos exteriores, quer nos interiores. Peça hoje mesmo orçamentos grátis.

**Amorim Pintor** 10-8  
Figueiró dos Vinhos

\*\*\*\*\*

## PROPRIEDADE em SOUDOS (VILA DO PAÇO)

Casa de habitação, grande armazém de vinhos com depósitos de cimento, alambique, cisterna, acomodações para gado cavalariço, bovino e lanígero, coelheiras, capoeiras, jardim, quintal com árvores, estremeiras, etc.

Anexo propriedade, bom poço com nora, figueiras, oliveiras e árvores de fruto e bom terreno.

Mais propriedades rústicas. Bons meios de comunicação, distância 12 quilómetros de Torres Novas e Tomar, 10 do Entroncamento, 5 de Paialvo e 3 de Lamarosa.

8-1

Trata—Francisco Pereira

## CARREIRA DIARIA DE PASSAGEIROS

### BOLO-LISBOA

Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Torres Novas, Santarém e Lisboa

Concessionário: Manuel Simões Barreiros & Irmão, L. da

Sede—FIGUEIRO DOS VINHOS—Telefone 42

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
BOLO	—	6,00	LISBOA	—	9,00
Castanheira de Pera	6,20	6,15	Sacavém	9,25	9,25
Figueiró dos Vinhos	6,55	7,05	Vila Franca de Xira	10,05	10,10
Pontão	7,40	7,45	Carregado	10,26	10,25
Cabaços	8,10	8,15	Azambuja	10,45	10,45
Tomar	9,05	9,20	Cartaxo	11,10	11,25
Entroncamento	10,00	0,05	Santarém	11,45	12,05
Torres Novas	0,20	0,25	Pernes	12,45	12,45
Pernes	1,00	1,00	Torres Novas	13,20	13,25
Santarém	11,40	2,00	Entroncamento	13,40	13,40
Cartaxo	12,30	2,35	Tomar	14,20	14,30
Azambuja	3,00	3,00	Cabaços	15,20	15,25
Carregado	3,20	3,20	Pontão	15,50	15,55
Vila Franca de Xira	3,35	3,40	Figueiró dos Vinhos	16,30	16,40
Sacavém	14,20	14,20	Castanheira de Pera	17,20	17,25
LISBOA	4,45	—	BOLO	17,35	—

Efectua-se diariamente

Efectua-se diariamente

## Carreira entre Bolo e Coentral

	Cheg.	Part.		Cheg.	Pa
Coentral	—	5,40	Bolo	—	17,50
Bolo	5,55	—	Coentral	18,05	—

Efectua-se às sextas feiras

Efectua-se às quintas feiras

## Carreira entre Campelo e Figueiró dos Vinhos

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
Campelo	—	5,20	Figueiró dos Vinhos	—	17,00
Pontão Fundeiro	5,30	5,31	Barraca da B. Vista	17,10	17,10
Aldeia Fundeira	5,40	5,42	Várzeas	17,26	17,27
Vilas de Pedro	5,47	5,48	Vila Facaia	17,22	17,24
Alto da Alagoa	5,53	5,58	Moleiros	17,27	17,27
Moleiros	6,03	6,03	Alto da Alagoa	17,32	17,32
Vila Facaia	6,06	6,08	Vilas de Pedro	17,42	17,43
Várzeas	6,13	6,14	Aldeia Fundeira	17,48	17,50
Barraca da B. Vista	6,20	6,20	Pontão Fundeiro	17,59	18,00
Figueiró dos Vinhos	6,30	—	Campelo	18,10	—

Efectuam-se às 4.ªs feiras e sábados

Estacionamentos | Campelo — Largo José Pereira de Amaral (L. da Igreja)  
F. dos Vinhos — R. Dr. Manuel Simões Barreiros  
Garagem em Lisboa — Auto Liz — Rua da Palma N.º 263 — Tel. 21363

## LUSALITE

Canalizações de alta e baixa pressão, chapas onduladas para coberturas, chapas lisas para forrar tectos, depósitos, cauleiras e algerozes para água Colmeias, vasos e floreiras. Cimento Liz, Cal Hidráulica Martingança, ferro, ferragens, pregaria estafe, e gesso — Material para casas de banho — Banheiras, lavatórios, sanitas, bidets, mosaicos e azulejos. Manilhas de grês, tubos de ferro galvanizado e acessórios, tintas, óleos e vernizes. Telha, tejo e adubos.

### Aníbal Silveira Herdade

Figueiró dos Vinhos

Tel. 43

## Auto-Reparadora Figueirense de

### José Telhada de Assunção

Devidamente apetrechada com Soldadura a Autogénio e Electrogénio, encarrega-se de todas as reparações em Autos ligeiros ou pesados, com a maior perfeição e a preços módicos.

#### Serviço Permanente

Possui para venda Motores para Regas e para Serviços Industriais, das melhores marcas e a preços os mais acessíveis.

R. MAJOR NEUTEL DE ABREU TEL. 53

Anuncie em «A Regeneração»



## O PROBLEMA DA LUZ



## Condições a que deve satisfazer a plantação de uma árvore

Talvez alguns sorriam do assunto que hoje vamos tratar, dados os seus universais conhecimentos... está claro...

... é que, efectivamente, plantar uma árvore é coisa tão sabida que quase todos a ignoram e, em vez de a plantar, "enterram-na", como, algures, se encontra espiritualmente escrito.

Referimo-nos, evidentemente, à plantação isolada, e não propriamente à formação de pomares porquanto, embora as exigências sejam as mesmas, torna-se conveniente dar-lhe disposição geométrica, analisar o solo e pôr em acção vários conhecimentos técnicos. Há regiões do país onde se capricha em criar e manter um pomar, modesto ou extenso consoante o espaço e capital de que se dispõe e que, geralmente, fica anexo à residência familiar; nele são passadas as horas disponíveis, quer zelando-o, quer usufruindo as suas sombras. Em Campelo nada disto se vê e nem há a intenção de multiplicar, ou pelo menos conservar, o que herdamos de nossos pais.

E' desolador verificar a quase ausência de frutíferas; recordamo-nos de que, há 20 anos, apenas havia, na região, excluindo as cerejeiras, uma ou duas dezenas de laranjeiras e outras tantas de figueiras, macieiras e pereiras, cujo número, já então muito reduzido como se vê decresceu nos últimos anos, por se não terem substituído as que seccaram; as poucas que restam estão exaustas e os novos não mostram culto por elas, especialmente pelas que com tão saborosos frutos os brindariam; demais, como toda a gente sabe, os frutos são parte integrante da alimentação humana, devido ao seu elevado poder nutritivo.

Aí vamos, pois, embora tardiamente porque, para algumas como a figueira, já passou a época própria, indicar sumariamente como se deve plantar uma árvore de fruto.

O que temos observado autoriza-nos a concluir que esta operação, de alta importância para o desenvolvimento da futura árvore, ainda é feita, por muito boa gente, pelo processo dos tempos de Vergílio...

Escolhido o local — que deve ser bem exposto aos raios solares e liberto da presença ou proximidade de árvores que, pela projecção da sombra ou pela extensão das suas raízes, possam ser prejudiciais, abre-se, com 15 dias de antecedência, a respectiva cova com um metro quadrado de secção e um metro de profun-

didade, separando-se as primeiras camadas de terra para um lado e as restantes para o outro. Como a plantação se faz, geralmente, no Inverno, esgota-se, periodicamente, a água que se for acumulando e colocam-se junto da cova 2 cestos de estrume fresco e bem curtido e uma paveia de tojo — que é muito rico em azoto.

Adquirida a planta e marcado o dia, suprimem-se-lhe as raízes partidas, esmagadas e muita cumpridas, mergulhando-se as restantes numa mistura de 1/3 de água, 1/3 de escremento de boi e 1/3 de barro; poda-se e corta-se a guia a um metro de altura da superfície e se a planta já tiver ramificações escolhem-se as que não de constituírem as primeiras pernas; se se tratar de citrinos, cortam-se pelo meio, com uma tesoura, as folhas; põe-se no fundo da cova o tojo e a seguir uma camada de terra (a da superfície) e o tutor; depois, uma camada de terra e estrume misturados e por último uma camada de terra formando um montículo; distribuem-se sobre este as raízes, as quais se vão cobrindo com mistura de terra e estrume; finalmente, põe-se terra que não seja das camadas superficiais pois que, a destas, foi a primeira a ser aplicada no fundo da cova; a soldadura do enxerto deve ficar a 10 centímetros do nível do solo.

Depois de feito o que se indicou, arranja-se, em volta do caule, uma caldeira com meio metro de raio e 15 centímetros de altura e deitam-se-lhe 20 a 30 litros de água e, no dia imediato, amarra-se ao tutor devendo interpor-se-lhe um pedaço de cortiça. A rega deve efectuar-se mesmo que esteja a chover pois se pretende fazer aderir a terra às raízes.

Decorridos oito ou dez dias, rega se novamente a planta.

2 de Abril de 1954.

José Manuel

## Magistrados

Findas as últimas férias, regressou a esta vila o sr. Dr. José Henriques Simões, meritíssimo Juiz desta comarca, que com sua Ex.<sup>ma</sup> Esposa e filhinhos, gozou a última parte delas na vila da Sertã.

—Ao mesmo tempo também regressou a esta vila, vindo de Lisboa, onde com sua Ex.<sup>ma</sup> Esposa e filhinho, passaram as mesmas férias, o sr. Dr. António Costa, distinto Delegado do Procurador da República, também da nossa comarca.

Continuação da 1.<sup>a</sup> página

Tenente de que o custo da energia produzida pelo motor era superior ao preço da venda, embora seja muito digna do nosso respeito, nela não acreditamos enquanto de tal não formos convencidos com dados concretos, pois que tal afirmação pura e simples repugna à nossa humilde inteligência, ao conhecimento que temos das coisas e, vá lá, da vida até.

Mas ainda que fosse verdade esse superior custo de fabrico ao preço de venda, mesmo assim, a empreza outra coisa não tinha feito do que cumprir uma obrigação a que a vinculava um contracto.

Mas nada disto interessa, sr. Tenente, ao caso que se ventila.

Em toda esta parte da sua carta, o sr. Tenente faz mera história da empreza, que pode ser muito interessante para uma monografia relativa a esta e aos seus sócios, mas não para os consumidores de hoje.

Depois historia-se, na carta, o período, em que decorreu a última guerra, em que os efeitos desta se fizeram sentir também na produção da energia eléctrica, para se invocar o ano memorável de 1949, em que a empreza concessionária, por se ter mostrado insuficiente a sua central para abastecimento da vila, teve de recorrer à Companhia Eléctrica das Beiras, celebrando com esta o contracto de fornecimento, a que eu também já me tinha referido.

Por enquanto, tudo história. Seguidamente faz-se na carta do sr. Tenente mais uma afirmação pura e simples, e por isso, gratuita: que com a cabine de transformação, linha de alta tensão, etc., dispendeu a empreza mais de meio milhão de contos.

Também não acreditamos nesta afirmação, que não tem a corroborar-la quaisquer elementos, que possam alicerçar a convicção do espírito mais ingénuo.

Depois alega o sr. Tenente que após o ano de 1949 aumentou o montante dos salários aos seus empregados, de modo considerável certamente. Belo gesto esse da empreza, mas também o facto não interessa aos consumidores, e tão somente àqueles empregados, aos quais aproveitamos o ensejo de felicitar muito sinceramente, e em especial ao sr. Manuel Godinho, que conhecemos mais de perto por ser o cobrador, que nos visita todos os meses, no exercício das suas laboriosas mas, pelos vistos, bem remuneradas funções.

Depois de toda esta parte histórica da carta, que comentamos, e à laia de conclusão o seu autor com ares de general triunfante numa arriscada batalha, lança este fraseado

*Verifica-se, deste modo, que a empreza Hidro-Eléctrica, longe de impedir o progresso de Figueiró dos Vinhos, tem sido um factor no seu desenvolvimento, procurando sempre, dentro das suas possibilidades corresponder aos legítimos desejos que todos os filhos de Figueiró têm de ver a sua terra cada vez mais valorizada.*

O sr. Tenente diz... **tem sido...**

Mas ainda é? Se o quer afirmar com aquela expressão **tem sido**, não estamos de acordo.

Na verdade nós afirmamos e continuaremos a afirmar que o preço da energia cobrado pela empreza impede o normal desen-

volvimento de certas actividades.

Sob o ponto de vista da electrificação o concelho de Figueiró dos Vinhos, encontra-se hoje entre os que — de todo País — caminham na rectaguarda do respectivo progresso.

Estas são tristes realidades que não necessitam de demonstração; constata-se.

Apontando factos, citando casos concretos, que aliás, são do conhecimento de todos os figueirense em geral, mas que o sr. Tenente pode ignorar, iremos provar, no próximo número, que assim é infelizmente. O Gerente da Empreza, por sua vez, deixando as gratuitas afirmações, por que é constituída, na sua maior parte, a primeira carta, que nos dirigiu, passará à demonstração dessas afirmações, o que fará também, é claro, com factos, com números, com argumentos, em suma, que qualquer espírito dotado de mediana inteligência possa aceitar.

E então, como dois esgrimistas amigos e leais vamos franca e honestamente decidir, nestas colunas, do destino do problema da luz neste concelho.

Eu afirmo:  
**O preço da energia eléctrica entre nós impede o normal desenvolvimento de certas actividades.**

O sr. Tenente ainda o não disse, mas certamente o virá a dizer:  
**O preço da energia eléctrica entre nós não impede o normal desenvolvimento de certas actividades.**

Este é o campo em que vamos travar o nosso duelo, é a corda dentro da qual temos de nos defender e atacar mutuamente. O que de nós demonstrar a veracidade da sua tese sai vencedor, apertamos as nossas mãos como amigos e o vencido felicita o adversário.

Valeu?  
E quanto ao lucro de 400%, alimentamos a esperança de demonstrar com números, que ele existe, não obstante a negatividade do sr. Tenente.

A este propósito, por agora só diremos e assumimos a inteira responsabilidade da afirmação, que enquanto na vizinha vila de Avelar, por exemplo, um consumidor de energia paga por certa quantidade de 206\$00, um de Figueiró dos Vinhos pelo mesmo número de quilovátios tem de desembolsar só 1.080\$00.

E tal energia é fornecida igualmente pela conceituada Companhia Eléctrica das Beiras, com a diferença que no Avelar directamente, aqui em Figueiró, por intermédio da generosa e altruísta Empreza Hidro-Eléctrica.

O sr. Tenente, é claro, que vai justificar aquela insignificante diferença de 874\$00 com a investidura de capitais, a que já aludiu.

Mas, cautela, sr. Tenente, repare que a Companhia Eléctrica das Beiras também investiu capitais. Ou não será verdade?

Mas relativamente a este e a outros aspectos do assunto, de que versa a carta do sr. Tenente, não nos pronunciemos ainda hoje. Acreditem, leitores, que não dispomos de mais espaço.

Mas não perdemos com a demora. Aguardemos serena e confiadamente, e a seu tempo se verá quem assume a responsabilidade do que afirma, qual de nós — o gerente da Empreza ou o

editor deste jornal — será condenado no julgamento, a que se vai proceder, e no qual os habitantes deste concelho sempre «compreensivos» — também afirmamos que o são — serão os julgadores implacáveis mas justos desta grande causa, que é a do já velho problema da luz eléctrica, e eles — não só eu — aceitarão a proposta, que nos é feita no final da carta.

Entretanto, o sr. Tenente poderá dizer-nos qual o preço por que a Empreza paga a energia à Companhia Eléctrica das Beiras.

Nem eu nem o público nos satisfazemos com um *multo mais cara*.

Este é um elemento de que necessito para poder fundamentar as minhas afirmações, de molde a deixar de basear-me no tal «consta».

Também o sr. Tenente poderá desde já explicar nestas colunas qual a razão porque em certas horas a intensidade da luz é tão fraca, que não nos permite trabalhar nos nossos escritórios. Por que não se electrificam Aguda e Aldeia de Ana de Aviz? E também pode dizer-nos ao certo a partir de que data será posto em prática o regime de escalões, vendendo-se assim as tais dificuldades que se levantam na organização da respectiva tarifa, na certeza de que nós não atiraremos foguetes para festejar o facto, pelo menos sem nos munirmos da necessária e legal licença.

Para facilitar a organização dos almeçados escalões, no próximo número deste jornal publicaremos um modelo, que vigora num concelho da região e que pode ser copiado pela Hidro-Eléctrica de Figueiró dos Vinhos, L.da.

E para finalizar, por hoje, sr. Tenente, permita-me que conte uma história, que me ocorreu ao ler a passagem da sua carta, em que diz:

*Não deite porém, foguetes o sr. Dr. Teixeira Forte, porque não foi em consequência dos seus artigos que Figueiró vai ter os escalões.*

Era uma vez um menino, que, como quase todos, embirrava com a sopa. Dias e dias seguidos, o papá, todo se indignava porque a criança renitentemente persistia em não comer a sopinha.

Pois bem; o papá, depois de muito matutar, e vendo que o menino se ia enfesando, resolveu pôr cõbro à teimosia do pequeno.

E então adquiriu uma tradicional e bem portuguesa palmatória — daquelas que têm cinco olhos e que só por si inspiram respeito e grande temor a criança.

Na primeira refeição, o menino não se apercebendo da finalidade daquele objecto, não comeu, como de costume, a sopinha.

E o pai ainda que muito contrariado, simulou não dar importância ao caso.

Mas daí em diante a sua preocupação aumentava ao ver a indiferença e desdém, com que o pequerrucho olhava a palmatória.

Até que, decorridos cerca de quinze dias, o pai, irado, empunhou a dita e disse: tens de comer a sopinha, custe o que custar! O pequenito abriu os olhos estupefacto, comeu com sofreguidão a sopinha e exclamou ingenuamente, limpando os lábios com o guardanapo:

—Comi a sopa, papá, mas... .. não foi com medo da palmatória.....

Teixeira Forte

Este Jornal foi visado pela Censura